

VOL.2 - N.1 | ABRIL - 2012

ISSN 2237- 9282



# ITACOATIARA

UMA REVISTA ONLINE DE CULTURA

ARTIGOS | RESENHAS | LITERATURA | ENTREVISTA | ENSAIO FOTOGRÁFICO

DOSSIÊ:

VIAGENS E VIAJANTES

UM PROJETO DO NÚCLEO ARIANO SUASSUNA DE ESTUDOS BRASILEIROS - UFPE

## VIAJANTES E REPRESENTAÇÕES SOBRE A VIAGEM

---

### Silvio Lima Figueiredo

Professor/pesquisador do Núcleo de Altos Estudos da Universidade Federal do Pará. Doutor em Comunicação (ECA/USP).

#### Introdução

80

A produção de imagens e representações européias presentes nos primeiros anos de ocupação Brasil sobre a natureza e cultura do novo território, é caracterizada principalmente pelas imagens e representações suscitadas pelas obras e relatos de viagens dos principais viajantes europeus que passaram pela região. A mitificação e posterior tipificação desse território aos olhos da Europa dizem respeito principalmente ao exotismo visto como principal característica local.

As viagens realizadas por europeus dos mais variados tipos apresentam na sua maioria, a construção de imagens não só das novas terras brasileiras, mas também de outros lugares que estavam sendo “descobertos” e posteriormente colonizados pela Europa dos séculos XV a XVII, como outras regiões da América, África, Oceania e Ásia. Essa construção de imagens é basicamente proveniente da narração escrita e divulgada pelo viajante: o relato. A produção desses relatos de viagens de cronistas-viajantes, além de representar *des ailleurs*, a diferença e o exótico, contribuiu reflexivamente para reforçar as estratégias de engendrar a conquista desses territórios, criar novos territórios e, no caso do Brasil, produzir instrumentos de seu re-conhecimento como nação e como território da aventura e da riqueza, ao lado do perigo. De outra forma, contribuiu também para a produção do conceito de viagem e de aventura que remete ao viajante curioso e que remete à Europa e ao

européu novamente, e assim, a representação do território e de quem produz essa representação, ganham reforço.

Ou seja, tal relação reflexiva contribuiu não só para garantir o domínio da Europa sobre as novas terras, mas também para dar ao europeu uma de suas características estereotipadas reforçadoras do domínio, a de viajante intrépido e, por conseguinte, produzir representações sobre o ato de viajar e a ideia de viajante.

O texto elenca alguns viajantes europeus que estiveram no Brasil desde o seu descobrimento até o início do século XX, e suas contribuições na busca das noções fundadoras do conceito de viagem e de viajante, categorizando e tipificando os mesmos.

#### Brasil: As Viagens e Aventuras na Formação do Viajante

A viagem tem sido percebida como existente em várias sociedades e sob variadas formas. O estudo de Figueiredo (2010) apresenta diversos debates sobre sua gênese, e debate sua suposta caracterização como “natural”, a partir de abordagens clássicas na ciência antropológica sobre o que é natural e o que é cultural. Aspecto cultural de variadas culturas e sociedades humanas, a viagem apareceu e aparece em diversos formatos: os deslocamentos em busca de alimento e proteína, as viagens em busca de locais passíveis de moradia, criação de rebanhos e culturas de vegetais diversos, deslocamentos em busca de conquistas de outros povos e outros territórios, guerras, viagens para realização de trocas variadas como objetos e prestações, viagens para troca de excedente, para troca de mercadorias ou viagens de trabalho (negócios), viagens religiosas, e viagens de cunho cultural e para o lazer (viagens turísticas).

No mundo ocidental, são inicialmente representadas pelas viagens nas sociedades grega e romana (guerras, trocas e lazer) e na sociedade medieval (guerras, trocas e religião). A partir da formação da sociedade moderna, a viagem ganha importância pela sua possibilidade de atrelar a conquista colonial e a exploração, da mesma forma que ganha a ajuda do desenvolvimento técnico-científico aplicado aos meios de transporte e à comunicação.

As viagens começam a se intensificar a partir das chamadas grandes navegações, que geram a “expansão ultramarina” da Europa, principalmente em Portugal e Espanha. Segundo Eric Roulet (2000), as condições das descobertas se devem inicialmente ao desenvolvimento econômico da Europa no final do século XV. Os estados ibéricos Portugal, Aragão, Castela e Navarra, os três últimos unidos em Espanha, se

organizavam internamente e politicamente. A união dos reinos de Aragão e Castela, que depois anexou Navarra, fez da Espanha uma potência com possibilidades imperialistas. A retomada de Granada há muito nas mãos dos mouros, possibilitou novos ares de conquista à nação que estava se formando. A vocação marítima de Portugal é um fator que também não pode ser esquecido, e é um dos exemplos mais citados na expansão, com monarquia e nobreza favoráveis à conquista marítima.

A partir do momento em que as viagens começam a se intensificar, e portanto produzir as mais importantes aventuras da época, como a tentativa de contornar a África, os descobrimentos da América e do Brasil e a tão sonhada circunavegação de Fernão de Magalhães, foi necessário registrar e informar todas essas aventuras e descobertas, e nesse momento, a atuação do cronista se destacou, fazendo com que ele se transformasse em um personagem central nessas empreitadas. No Brasil, os cronistas tiveram papel importante no registro da história de uma nação que estava nascendo, do embate entre europeus e nativos.

82

Segundo ainda Figueiredo (2010), os cronistas geralmente eram viajantes, alguns missionários, poucos falavam sem ter estado nas terras sobre as quais escreviam, e participaram de momentos importantes nas nações e locais inexplorados ou desconhecidos dos europeus. É bom lembrar que o sentido de descoberta está ligado ao desconhecimento dos europeus sobre as terras além do “mar tenebroso”, e além das Índias Ocidentais. Muito embora tenham sido destacados para essa função, não deixavam de acumular outras atividades, quer seja de mercador, ou de comandantes de expedições, ou mesmo como missionários.

Alguns desses cronistas confundem-se com a própria história do Brasil: Pero Vaz de Caminha, Fernão Cardim, Pero Lopes de Souza, Gabriel Soares de Sousa, Pero de Magalhães Gandavo, Ambrósio Fernandes Brandão, Simão de Vasconcelos, Padre Ancheta, Manuel da Nóbrega e outros. Todos esses eram portugueses e foram importantes na criação de uma certa visão do Brasil para a Europa nos séculos XVI e XVII e por conseguinte para o “mundo” considerado. Outros viajantes não portugueses, entre eles Hans Staden, André Thevet, Jean de Léry, João Antonio Andreoni (Antonil), Claude d’Abbeville, Yves D’Evreux também tiveram por mérito o registro da vida no Brasil nos primeiros séculos após o descobrimento. Todos pareciam encantados com a nova terra que, segundo Todorov (2003), representava realmente a novidade, já que a África, e a Ásia já eram conhecidas pelos europeus.



83

Figura 1 - Tupinambás despedaçando corpo (Staden, 1999).

Após a difusão de uma grande quantidade de viagens à América, África e Ásia, registradas pelas crônicas e formadoras da ideia de viajante desbravador, conquistador, colonizador e do missionário, o desenvolvimento da ciência como principal forma de conhecimento do mundo na sociedade moderna contribui para o incremento das viagens naturalistas. A história natural agregava zoologia, botânica, geografia, geologia e etnologia, e tinha como característica a pesquisa traduzida em viagem aos locais ainda não explorados para realizar os primeiros relatos científicos das novas terras. As viagens naturalistas vão reconciliar a crônica com a aventura, e a ciência será responsável pelas novas aventuras dos viajantes.

O mundo novo tem um potencial a ser explorado, despertando o interesse de comerciantes, e a curiosidade de cientistas. As viagens de naturalistas às novas terras exprimem esse interesse e, nesse momento, estrutura-se um viajante que, em tese, procuraria na experiência da viagem a compreensão do mundo e de sua própria existência, e não só o desafio da conquista.

Um novo viajante se desdobra na experiência de muitos, acabando por formar uma classificação segundo os objetivos da viagem, a forma de

exploração, o resultado, o seu financiamento e, claro, o perfil desse viajante, sua história de vida.

Alguns estudos apresentam características desses viajantes, calcadas nos cronistas dos primeiros séculos de colonização e nas viagens naturalistas. Segundo Leite (1996), o viajante se configurava então por ser quase sempre Europeu ou Norte-Americano (a expedição Thayer foi liderada por Louis Agassiz, suíço, mas tinha como participante por exemplo o canadense-norteamericano Charles Frederick Hartt). As razões de viajar estavam relacionadas a motivos profissionais e existenciais, mas o viajante era também colonizador, pois esses territórios precisavam de ordenamento dentro dos parâmetros europeus, e ele incorporava pouco a pouco esses territórios a tais processos, na medida em que realizava os levantamentos econômicos sobre as novas terras e suas riquezas. Essa característica se confundia com a conquista, e transformava o viajante também em conquistador, principalmente o viajante imigrante, que fazia da nova terra seu lar e nova fonte de sobrevivência. Além disso, existiam o cientista propriamente dito, o aventureiro e o literato. E obviamente, mixagem de tipos, além de dissimulações.

84

Alexander Von Humboldt, no final do século XVIII, realizou uma expedição pela norte da América do Sul, principalmente na América Espanhola. Sua descrição faz parte da composição do início de uma nova ciência: a Geografia. A expedição de Humboldt durou cinco anos, e destes, um ano e meio foi utilizado para explorar a Venezuela, principalmente estudar a ligação da bacia do Orenoco com a do Amazonas. Essas viagens produziram uma vasta obra científica. Em sete obras em dezenas de volumes em francês, com a colaboração de outros cientistas, foi criado um dos mais importantes compêndios científicos da época.

Charles-Marie de La Condamine, em 1735, inaugurou a viagem científica pela Amazônia, palco anterior para as viagens de conquistadores e missionários. A viagem de La Condamine à América também inaugurou um novo período da história das descobertas no continente. O destaque não era mais para os conquistadores, missionários ou aventureiros. No século XVIII desenvolveu-se um interesse científico pelo Novo Mundo, e por outras partes ainda desconhecidas por completo, como as áreas do Oceano Pacífico (Minguet, 1992, p. 8)

Dentre os principais viajantes naturalistas que desvendaram o Brasil se encontram: Charles-Marie de La Condamine (Viagem pelo

Amazonas); Augustin Saint-Hilaire (Viagem à província de São Paulo e Viagem ao Rio Grande do Sul); Charles Robert Darwin (Viagem de um Naturalista ao Redor do Mundo); Alfred Russel Wallace (Viagens pelo Amazonas e Rio Negro); Henry Walter Bates (Um Naturalista no Rio Amazonas); Alexandre Rodrigues Ferreira (Viagem Filosófica pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá); Johann Baptiste von Spix e Carl Friedrich Phillipp von Martius (Viagem pelo Brasil.); Hercule Florence (Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas); Louiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz (Viagem ao Brasil, 1865-1866); Richard Francis Burton (Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho); Henri-Anatole Coudreau (Viagem à Itaboca e ao Itacaiúnas; Viagem ao Xingu; Viagem ao Tapajós); Charles Frederick Hart (*A Naturalist in Brazil*). Até mesmo viajantes não cientistas viajaram ao Brasil nesse período, e colaboram com construção de imagens sobre o país e sobre o ato de viajar, produzindo relatos e se construindo como viajantes aventureiros, como o príncipe Adalbert da Prússia.

85



Figura 2 - Príncipe Adalbert, em primeiro plano (Adalbert, 2002).

Muitas imagens de viajantes foram calcadas aí, pois, a ciência era motivo mais nobre que a conquista, mesmo que essa última não tivesse desaparecido por completo das viagens. A ciência aparecia como o motivo primeiro e divulgado das viagens, e a ideia de viajante intrépido e curioso, pronto a desvendar os mistérios dessas novas regiões foi

ganhando força, até mesmo porque só a ciência poderia explicar certos tipos de fenômenos observados *in loco*.



Figura 3 - Aventura na selva amazônica - em Bates (1979).

86

Dos estranhos animais observados por Thevet, às extensas coleções de Martius, muitos avanços científicos vieram dessas explorações, e a figura do cientista viajante sobrepujou o cientista de laboratório. Os naturalistas tinham às vezes interesses distintos de seus patrocinadores e se motivavam pela possibilidade de novas descobertas, tão cheio delas que foi o século XIX.

O relatos de viagem, característica e produção indelével do viajante

A característica dessas viagens está principalmente no produto que surge delas: os relatos. É uma das coisas que dá identidade ao viajante na sua passagem<sup>1</sup>. Esses relatos são personificados na forma do *Diário de viagem* (Leite, 1996, p. 26). Há portanto uma relação entre a ação, o ato

---

<sup>1</sup> Figueiredo (2010), por exemplo, indica na abordagem sobras as diferenças entre turista/viajante, a produção das fotografias e filmes para os primeiros e a escritura dos diários de viagem para os segundos, e obviamente a mistura desses dos tipos e desses dois produtos que também acontecem.



de viajar e o texto. Um texto agora produzido com a finalidade de divulgar ao público as 'maravilhas' e o exotismo das regiões visitadas. São principalmente narrativas sobre o outro, evidência da fronteira, reafirmada de dentro da experiência de ser estrangeiro (Leite, 1996, p.14). Os viajantes "observaram, descreveram e classificaram o mundo social refletindo, por comparação, sobre a vida cotidiana do grupo visitado" (Moreira Leite, 1997, p.15).

Segundo Leite (1996), a escolha dos temas e locais de pesquisa dos viajantes naturalistas se dava por muitas questões, entre elas: Interesse Pessoal (desenvolvimento científico, o interesse de estudar e pesquisar países e culturas diferentes dominou a mentalidade intelectual do século XIX); O lugar visitado (algumas regiões apresentavam-se como enigmáticas e exóticas, perfeitas para saciar a curiosidade científica); O interesse financeiro da viagem (a descoberta de minérios, ervas, produtos) e; O interesse do público leitor, que gerava uma relativa "cultura" de leitura dos relatos de viagem.

Mas é necessário observar, de acordo com Matos, que a literatura dos viajantes do período é de valor muito desigual, "pois entre eles há de tudo: grandes naturalistas, comerciantes, agentes diplomáticos, missionários protestantes, pintores, etnólogos, militares, médicos, e até simples aventureiros que vieram tentar a vida em nosso país" (Matos, 1999, p.12). Esses escritos, portanto refletem essa diversidade de tipos e formações, objetivos de viagem, forma como viajaram, etc. Alguns passaram muito tempo em pesquisas detalhadas com visões não tão etnocêntricas, outros no entanto foram breves, por talvez não conseguir alcançar seus objetivos, as vezes perniciosos, de ter vantagens nas novas terras.

Matos (1999, p.12) ainda ressalta dois momentos, no caso do Brasil, onde se pode facilmente distinguir os relatos de viajantes: o que foi escrito antes da transferência da corte portuguesa para o Brasil, quando os viajantes não tinham autorização para a pesquisa, e o que foi produzido depois, com a abertura do Brasil em 1808. Antes, o que era produzido tinha um caráter de crônica de curiosidades, haja vista a falta de liberdade dos viajantes em percorrer o Brasil. Após esse período, a simples curiosidade cede lugar às pesquisas científicas, com expedições de vários tipos, tamanhos e formatos, de estrangeiros pelo interior do Brasil. É claro que há um interesse muito claro, principalmente para os financiadores e governos estrangeiros, em mandar seus principais cientistas às terras mais longínquas, como a América do Sul, Polinésia,

África e Austrália: a busca por riquezas econômicas ou substâncias novas importantes para a fabricação de algum artefato ou para o comércio.

Viagens e viajantes, características fundadas em relatos e representações

A partir da leitura dos relatos, identificaram-se algumas características que estruturam uma representação de viajante e da viagem. Dos relatos, brotam quase sempre as impressões sobre o lugar visitado, sua população, as organizações locais, os inventários de vegetação e fauna, as características geomorfológicas, etc. No entanto, no momento em que o viajante descreve, ele emite opiniões sobre o que está sendo observado e também, indica auto-representações sobre ele mesmo, e sua capacidade de estar ali e de apreender ou não as coisas que aconteciam na sua presença.

Nesse processo também reflexivo e mais ainda, dialético, vai sendo construída a ideia de viajante baseada em alguns tipos ideais. Essas construções dizem respeito, sobretudo às características do viajante e da viagem que aparecem nos relatos, a partir da fala dos viajantes, seus interlocutores e as situações pelas quais ele passa, sistematizadas nas seguintes pré-categorias.

88

O viajante explorador: possui como característica a perseguição da descoberta, de desvelamento de incógnitas, de composição de mapas com novos contornos. É cientista, mas também se preocupa com o ineditismo e com as possibilidades das descobertas. Mas não se pode esquecer que explorar quer dizer também tirar proveito ou utilidade de alguma situação.

O viajante conquistador: encerra ao mesmo tempo a ideia de viagem de exploração, com descobertas de novos lugares e regiões, e a ideia de tirar proveito de uma situação ou local, de suas potencialidades. Além disso, o viajante conquistador subjuga, conquista pelas armas e vence. Ele está presente no colonialismo dos séculos XVII a XIX, e é representado por viajantes que se lançaram a conquistar novas terras para reinos europeus.

O viajante comerciante: um *marchand*, o mercador é o arquétipo do viajante que, de um país para outro, leva e traz mercadorias para serem negociadas. As preocupações dele são geralmente indicadas pela possibilidade de realizar bons negócios. Que tipos de pedras preciosas ele pode encontrar, quais as especiarias exóticas que farão sucesso na Europa e em outros centros. A exploração comercial não estava apenas

no encontro de mercadorias e produtos que pudessem ser consumidos na Europa ou já nos Estados Unidos. Era também grande motivador das viagens as conquistas territoriais e dos povos dessas áreas para a criação de novos mercados. .

O viajante pesquisador–cientista: o pesquisador viaja para outros lugares munido de equipamentos de pesquisa, mais sua curiosidade infinita. O naturalista é o viajante intrépido, destemido, corajoso, investigador, atrás de uma boa dose de fama, após uma “revolucionária descoberta”.

O viajante aventureiro: Esse tipo de viajante consegue ser movido pela experiência arriscada da viagem. Não é qualquer um que pode ou deve. Ele se lança ao desconhecido pelo “prazer” de ser desconhecido e portanto arriscado. Aliado à incógnita, está o risco. Quanto mais arriscada é a viagem e, também as atividades associadas a ela, mais o viajante se satisfaz.

Disso que chamamos pré–categorias, esboçam–se certas imagens (Figueiredo, 2005), que após se tornarem clichês delas mesmas, indicam uma possível separação entre um viajante puro e as mutações ordinárias e profanas desse mesmo modelo:

89

- Aspectos colonizante, conquistador e existencial;
- Uso de cadernetas de viagem, para anotações, diários, etc;
- Relatos de viagens transformados em livros;
- Liberdade;
- Aventura;
- Curioso e Sensível;
- Noticia a diferença;
- Cientista: exploração científica;
- Descoberta, invenção, inauguração, olhar investigativo;
- Viagens de estudo, pesquisa, inventário;
- Cortar momentaneamente os vínculos com o lugar de origem;
- Habita o não–lugar e alhures, ou seja, a suspensão;
- Usa uniformes e equipamentos para exploração (bússola), cadernetas de campo.

O viajante aparece hoje como categoria complexa, pois se desloca entre os clichês dos filmes *hollywoodianos* e livros de aventura, os estudos científicos pautados principalmente na sociologia do deslocamento, ou da viagem, ou ainda da errância (Maffesoli, 2001). A construção do agente social “viajante”, diz respeito não só às visões estereotipadas produzidas pelas obras artísticas, mas também está

contida no produto da viagem: o relato. Relato que possui varias formas, em diários de viagem, ou outros gêneros híbridos.

A representação da viagem e do viajante provém do relato dos viajantes, e se fundaram principalmente no que aconteceu com os cronistas e os viajantes naturalistas. Atualmente, se busca também nessas fontes a diferenciação dos conceitos de viagem e turismo, que pode ser vista em Boorstin (1971), Urbain (1986, 1993 e 2011), Amirou (2001) e Christin (2000 e 2008), entre outros. De variadas formas, as qualidades do viajante, calcadas nos cronistas e naturalistas, vêm à tona com mais facilidade, deixando ao turista apenas a parte ruim da prática (Figueiredo 2010).

*Le voyageur recherche l'autre, l'ailleurs "authentique", "inviolé", de ses semblables, comme l'indique la quête de lieux de plus en plus éloignés... Et ses semblables son partout, lui renvoyant sa propre image, même au bout du monde. Un comble! (Christin, 2008, p.34).*

Assim, as características do viajante e da viagem se reforçam em diferenciação ao turismo. Amirou (2001) por exemplo indica uma propensão à considerar nos estudos sociológicos franceses uma diferença nos graus de relação com a viagem, ou ao que se pode entender como "autenticidade da viagem", mesmo recuperando as ideias de Maccannell (2003) sobre a autenticidade turística. No estudo de Figueiredo (2010), é possível observar que mesmo a viagem tem seus críticos, e que o viajante puro aparece em variadas formas, e até mesmo na viagem turística.

90

#### Considerações Finais

A viagem parece ser um daqueles eventos que precisam de registro para se perceber que ela ocorreu, uma espécie de "prova". Mas obviamente não é só isso. O registro da viagem significa muitas coisas. É por exemplo a tentativa de proporcionar aos outros as sensações pelas quais o viajante passou; é também registrar para não esquecer e rememorar depois, e por sua vez, ativar as percepções do momento, eternizando-as.

O narrador viajante é a principal figura na formação e solidificação do chamado relato de viagens (*recit de voyage*). Esse narrador é personificado pelo viajante, que após atravessar o mundo por variados motivos relata, fielmente ou não, suas experiências e aventuras. O homem em busca da verdade escreve a verdade. Assim, a grande dialética

inicial na constituição da ideia de viajante está na sua formação como narrador de fatos verídicos ou como narrador de fatos verídicos e de alguns fatos não tão verídicos assim.

Essa relação entre lugar a explorar (Brasil), narração da viagem (relato) e viajante, forma uma série de conceitos, e entre eles a ideia de viajante europeu intrépido, desafiador, aventureiro, construído em séculos de explorações. Da mesma forma, cria no lugar visitado a mesma noção de explorador, mas dessa vez imbricada na noção de colonizador, onde as relações de poder estão presentes e fazem parte da representação de viajante para os moradores dos locais visitados.

Além disso, está na base de uma das ideias mais recorrentes em relação à viagem: A viagem é uma necessidade transformadora. Ela é ação humana importante para a formação do homem. Viajar é um ato de transformação e de educação. É uma prática densa, e quem a faz passa por uma experiência profunda.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

91

Adalbert, Príncipe da Prússia. *Brasil: Amazônia - Xingu*. Brasília: Ed. Senado Federal, 2002.

AMIROU, Rachid. (2001), *Elements pour une sociologie qualitative du voyage et du tourisme*. In: Sagnes, Jean. *Deux Siècles de Tourisme em France*. Ville de Béziers: Presses Universitaires de Perpignan.

BATES, Henry Walter. (1979), *Um naturalista no rio Amazonas*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp.

BOORSTIN, D. J. (1971), *Du voyageur au turiste: l'art oublié du voyage*. In: Boorstin, D. J. *L'Image*. Paris: UGE.

CHRISTIN, Rodolphe. (2000), *L'Imaginaire voyageur ou l'expérience exotique*. Paris : L'Harmattan.

CHRISTIN, Rodolphe. (2008), *Manual de l'antitourisme*. Paris: Yago.

DARWIN, Charles Robert. (1937), *Viagem de um Naturalista ao Redor do Mundo*. Rio de Janeiro: Cia. Brasil Editora.

FIGUEIREDO, Silvio Lima. (2005), *Viagens e Turismo, conceitos na literatura e nos relatos de viagem*. São Paulo: ECA/USP, 2005.

----- (2010), *Viagens e Viajantes*. São Paulo: Ed. AnnaBlume.

HART, Charles Frederick. (1968/69), *A Naturalist in Brazil. The american Naturalist*. Salem, MA, Peabody Academy of Science. II.

HUMBOLDT, Alexandre von. *Quadros da Natureza*. Rio de Janeiro: W. M. Jakson ed., 1965.

LA CONDAMINE, Chales-Marie de. (1992), *Viagem pelo Amazonas, 1735-1745*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.

LEITE, Ilka Boaventura. (1996), *Antropologia da Viagem*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

LÉRY, Jean de. (1941), *Viagem à Terra do Brasil*. São Paulo: Ed. Martins.

MACCANNELL, Dean. (2003), *El turista: una nueva teoria de la clase ociosa*. Barcelona: Melusina.

MAFFESOLI, Michel. (2001), *Sobre o nomadismo*. Rio de Janeiro: Record.

MATOS, Odilon. Apresentação. In: TAUNAY, Afonso. (1999), *Zoologia fantástica do Brasil, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Edusp.

MINGUET, Helene. Introdução. In: LA CONDAMINE, Chales-Marie de. (1992), *Viagem pelo Amazonas, 1735-1745*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.

MOREIRA LEITE, Miriam. (1997), *Livros de Viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.

ROULET, Eric. (2000), *La conquête des Amériques au XVIe siècle*. Paris: Puf.

SEGALEN, Victor. (1999), *Essai sur l'exotisme*. Paris: Fata Morgana.

STADEN, Hans. (1999), *Primeiros Registros escritos e ilustrados sobre o Brasil e seus habitantes*. São Paulo: Ed. Terceiro Nome.

THEVET, André. (1944), *As singularidades da França Antártica, a que outros chamam de América*. São Paulo: Cia. Editora Nacional.

TODOROV, Tzvetan. (2003), *A conquista da América, a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes.

URBAIN, Jean Didier. (1986), *Sémiotiques Comparées du Touriste et du Voyageur*, *Semiótica*, Paris, v.58 n.3-4, 1986, p.269-279.

URBAIN, Jean Didier. (1993), *L'idiot du Voyage: histoires de Touristes*. Paris: Payot,.

URBAIN, Jean Didier. (2011) *L'Envie du Monde*. Paris: Bréal.

WALLACE, Alfred Russel. (2004), *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*. Brasília: Ed. Senado Federal.